

# A mente do analista<sup>1, 2</sup>

Luis Claudio Figueiredo<sup>3</sup>

---

Boa noite. Muito obrigado pela presença de todos e muito obrigado pelo convite que me foi feito pela diretoria da SBPRJ, em particular pela Elisa, que eu conheço há muitos anos, desde que eu comecei a fazer alguns seminários na SBPRJ e depois num grupo clínico criado já há algum tempo também, onde ela está presente. Eu queria dizer para vocês que é para mim uma enorme satisfação poder estar aqui nessa casa. Eu tenho uma ligação profunda e antiga com a SBPRJ. Começou na minha infância, de certa maneira, porque a minha mãe era professora do jardim de infância do Instituto de Educação e não sei porquê cargas d'água ela começou, enquanto professora – ela não era psicanalista, mas ela tinha muito interesse em psicanálise –, ela começou a fazer supervisões com o Dr. Pedro Ferreira. Pedro Ferreira era uma figura notável em minha casa, falava-se o tempo todo do Dr. Pedro Ferreira. Eu não cheguei a conhecê-lo pessoalmente, mas, enfim, cheguei a estar perto da casa dele nas vezes em que a minha mãe ia lá e muito tempo depois eu descobri que o Dr. Pedro Ferreira é um dos fundadores da SBPRJ. Então, eu estou ligado à SBPRJ acho que antes mesmo da própria Sociedade se formar, porque esse encontro da minha mãe com o Dr. Pedro Ferreira foi no começo da década de 1950, eu era bem pequeno.

Mais adiante eu fui aluno e muito amigo do professor Antonio Gomes Penna, grande professor da UFRJ, e através do Penna eu vim a conhecer – porque ele falava muito – o Dr. Danilo Perestrello, que é outro dos fundadores da SBPRJ. Mais adiante, na casa do Penna, eu vim a conhecer aquela figura ado-

---

1. Palestra proferida em Reunião Científica em 01/09/2022, *on-line* e organizada pelo Conselho Científico da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro - SBPRJ.

2. Transcrição da gravação feita por João Pedro Saramago.

3. Psicanalista. Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Professor aposentado da Universidade de São Paulo (USP). Professor de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

rável que era a Dra. Marialzira Perestrello. Então, eu me sinto sempre muito próximo da Sociedade, muito amigo, muito bem acolhido. Mais adiante, já há uns 15, 20 anos, eu comecei a frequentar pessoalmente a Sociedade, onde eu fui fazendo seminários, cursos, fui chamado pra várias palestras, essa daqui é mais uma. E, principalmente, a partir de certo momento, eu comecei a participar de um grupo, que é o do Projeto Travessia, onde nós realizamos um trabalho social da maior importância, liderado pela Teresa Rocha, que é didata da Sociedade, e também conduzido pela Sonia Verjovsky e pela Eliane Marcellino e eu estou nesse grupo Travessia já há muitos anos e me orgulho muito dessa minha ligação com o Projeto Travessia e com essa iniciativa maravilhosa da SBPRJ de fazer um trabalho social junto a comunidades carentes. Estou feliz de estar aqui com vocês e vamos então ao nosso tema de hoje.

Eu não vou falar apenas desse meu livro que foi lançado em primeira edição em 2021, mas vendeu muito e aí nós fizemos uma segunda e, logo em seguida, uma terceira edição ampliada com textos novos sobre os quais eu vou falar mais adiante. Gostaria de comentar com vocês que esse interesse na mente do analista, essa coisa complexa, difícil de ser planejada, difícil de ser usada, que é a mente do analista, não é de hoje. Eu tenho uma série de trabalhos que eu realizando ao longo do tempo aos quais não dava o nome de “a mente do analista”, mas retrospectivamente vejo que foi um dos temas que me interessaram por muito tempo. Em 1994, ou seja, há 30 anos, eu lancei um livro chamado *Escutar, recordar, dizer: encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica*. No fundo, o que eu queria era entender como é que a mente do analista precisa se dispor a entrar em contato com toda a produção simbólica que se passa entre ele e seu paciente, ou seja, era preciso, em primeiro lugar, nós fazermos um silêncio, silêncio interno. Nós precisamos silenciar de alguma maneira a nós mesmos para podermos escutar e fazer ressoar aquilo que vem se produzindo a partir do paciente, mas nas relações comigo, conosco, com nós analistas. Ou seja, nós precisamos ter uma disposição de mente capaz de nos entregarmos a uma fala que não se deixa programar, a uma fala que não é planejada, a uma fala que acontece entre o paciente e mim, entre mim e o paciente. É uma fala que, mais do que comunicar, expressa e performa; é uma fala com poder de criar e transformar experiências sensoriais, experiências simbólicas, e essas são absolutamente necessárias para que o nosso trabalho se realize. É uma disposição de entrega, de desapego das nossas crenças, das nossas convicções, das nossas ideias, feita para uma espécie de imersão no ambiente simbólico daquilo que se passa numa sessão de análise. É uma fala com poderes poéticos, uma fala

“acontecimental”, um acontecimento na comunicação, não propriamente uma comunicação planejada. Isso foi em 1994.

Dois anos depois, eu publiquei um texto na revista *Percurso*, do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, chamado *Pensar, escutar e ver na clínica psicanalítica*, que era uma releitura daquele grande texto do Freud, de 1937, *Construções em análise*. Nesse texto, eu pego outro ângulo, que não é mais a fala poética, mas é a nossa capacidade de sonhar. O que Freud vai descobrindo é que a interpretação não pode funcionar de acordo com o método arqueológico de decifração, de reunião de fragmentos. O analista, em certas situações, precisa construir. Na verdade, mais do que uma construção racional, é uma construção onírica. O analista precisa ter uma mente capaz de sonhar, capaz de reagir com o paciente, de participar do jogo do inconsciente apresentando também os seus sonhos, as suas capacidades de *reverie*. Nesse texto, eu me refiro claramente a Bion, que é um autor fundamental para mim, para entender a mente do analista, exatamente mostrando essa ligação que eu acho profunda e nem sempre explícita entre o texto de Freud de 1937 e as ideias bionianas sobre a mente onírica do analista, a capacidade onírica do analista, a capacidade de *reverie*. Isso em 1996.

Em 1997, um ano depois, eu publiquei outro texto nos Cadernos de Subjetividade, que eram publicados aqui pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC, chamado *O interesse de Lévinas para a psicanálise*. Este texto aborda uma outra questão, que é a questão ética, o encontro com a alteridade. A Elisa falava que o encontro com a alteridade, como diz o Bion, é sempre um mau negócio; uma fonte de turbulência e de perturbação. Mas por que o encontro com a alteridade é assim? É exatamente porque a alteridade, naquilo que tem de mais altero, de mais outro, precisa ser reconhecida como alguma coisa que me intima e intimida, que me convida, mobiliza. Então, a questão da alteridade, que é uma questão essencial para este filósofo Emmanuel Lévinas, é a questão que está no centro deste meu trabalho. É outro ângulo, portanto, para pensar a mente do analista. A mente do analista precisa estar disponível para o encontro com a alteridade, anterior a qualquer conhecimento. Não se trata de conhecer para fazer contato, mas, pelo contrário, trata-se na verdade de se entregar ao encontro, participar do encontro, ser movido, mobilizado, intimado e, de certa maneira, transtornado pelo encontro com o outro na sua alteridade – que é a alteridade do paciente – sem ideias prévias, sem preconceitos, sem teorias. Nós estamos nos aproximando novamente do Bion, com aquela máxima “sem memória, sem desejo e sem compreensão prévia” para que a alteridade do

outro possa se impor a mim e eu possa, então, trabalhar até num plano mais intelectual, de conhecimento, mas que será sempre um conhecimento imperfeito, improvisado, um conhecimento que é uma resposta ao primeiro encontro, ao impacto do efeito que o encontro que o outro tem sobre mim. A mente do analista tem que ser capaz de participar desses encontros e sobreviver a eles, na medida do possível.

Esse conjunto de ideias veio a reaparecer num livro de 2000, chamado *Ética e técnica em psicanálise*. É um livro que publiquei em coautoria com um grande amigo e colega meu, chamado Nelson Ernesto Coelho Júnior, onde vou propor a ideia de que, para o encontro com a alteridade capaz de gerar transformações e cuidar do outro, é preciso que eu me implique e também me reserve. Então, eu desenvolvo bastante a ideia de que a mente do analista precisa ter a flexibilidade, a mobilidade, a dinâmica para manter-se profundamente implicada com o outro, mas ao mesmo tempo preservar-se numa reserva. E isso é conseguido à medida que eu renuncio à ideia de curar a todo custo, conhecer a todo custo, ou seja, renuncie ao *furor curandis*. O furor do conhecimento precisa ser abolido para que eu, numa posição mais deprimida, mais depressiva – hoje em dia, eu usaria o termo ‘depressividade’, uma capacidade depressiva – para poder fazer esse contato, sem que eu próprio seja uma fonte de mais turbulência e de invasão, de intromissão. Ou seja, esse jogo de presença implicada e presença reservada, no meu ponto de vista, é essencial para que o analista possa funcionar como analista.

Esse tema veio a ser retomado num artigo que eu publiquei em 2011 na Revista Brasileira de Psicanálise. É um texto chamado *A situação analisante e a variedade da clínica contemporânea*. Por que esse texto é interessante para o nosso tema? Porque a base dele é a convicção de que a situação analisante é a verdadeira ferramenta da psicanálise, mas ela é uma verdadeira ferramenta que depende, para sua instalação e manutenção, de uma mente de analista. A mente do analista é a condição para se constituir um campo onde a análise funciona. Não são as minhas interpretações inteligentes, não são os meus manejos extraordinários que produzem efeitos terapêuticos e analíticos. É a própria situação analisante que eu consigo instalar e que eu consigo sustentar ao longo de uma sessão, de inúmeras, dezenas, centenas, sabe-se lá quantas sessões, às vezes durante anos. É isso que vai produzir efeitos. Isso foi em 2011 e é um texto de que eu gosto bastante, porque acho que eu tento ali, exatamente, fazer um elogio da mente do analista como condição para instalação da situação analisante. E, em segundo lugar, tento ver como essa situação analisante pode evoluir, como ela

funciona, como é a sua dinâmica e como ela exige permanentemente para sua eficácia que a mente do analista esteja ali em plena operação.

Logo em seguida, em 2012, eu publiquei um artigo numa revista chamada *Reverie*, revista de psicanálise do pessoal de Fortaleza, psicanalistas da Sociedade de Fortaleza. É um texto chamado *A clínica psicanalítica e seus vértices*, que é um texto tentando mostrar exatamente como a psicanálise – ou a mente do analista – precisa funcionar. Primeiro, oferecendo continência (é um texto bastante bioniano), sendo capaz de confrontos com as resistências, identificar, nomear e confrontar-se com as resistências. Isso daí é uma fonte de turbulência excepcional e, ao mesmo tempo, é preciso, retomando a ideia da reserva, manter-se numa relativa ausência. É preciso que o analista esteja muito presente para dar continência, produzir transformações – inclusive usando sua capacidade de *reverie*. É preciso que ele esteja atento para enfrentar e confrontar-se com as resistências que são inevitáveis num processo analítico, mas é preciso que ele se mantenha numa relativa ausência, numa reserva.

Logo em seguida, em 2014, eu publiquei um texto também na Revista Brasileira de Psicanálise chamado *Escutas em análise / escutas poéticas*, onde eu tento mostrar que desde a ideia original de Freud de nos mantermos em atenção flutuante, a psicanálise foi exigindo e permitindo que outras modalidades de escuta também fossem acionadas e tornam-se necessárias. Há uma escuta que não é apenas a escuta dos fragmentos, mas a escuta das gestalts, do modo de funcionamento, das estruturas de personalidade, normais e patológicas. Há uma escuta das identificações projetivas. Há uma escuta dos afetos transbordantes, das fantasias primitivas. Há uma escuta do silêncio, porque há pacientes silenciados. Ao final desse texto, eu sugiro: podemos manter a ideia da atenção flutuante, mas ela se tornou muito mais complexa. Ou seja, a tarefa do analista, de certa maneira, foi se complicando ao longo dos anos, ao longo das décadas, à medida que novos quadros psicopatológicos puderam ser considerados e atendidos e hoje nós precisamos considerar que a atenção flutuante não flutua apenas como pensava Freud, entre fragmentos nos quais estão os retornos do inconsciente reprimido. Pelo contrário: nós temos que captar muitas outras dimensões do inconsciente, de tal forma que a atenção flutuante virou uma escuta polifônica; são vários canais de contato com os inconscientes a serem reconhecidos e utilizados.

A Elisa estava falando no começo da minha ideia da mente do analista como esse “coitado”, devido à complexidade das nossas tarefas, pois bem, eu estou mostrando continuamente ou reconhecendo, tentando comunicar que

as nossas tarefas são realmente muito complexas e não param de se tornar mais complexas. A mente do analista, esse “coitado”, é aquela que é capaz de mobilizar muitos canais de comunicação para ter acesso às várias dimensões do inconsciente que estão em jogo, e não apenas o inconsciente reprimido, mas o inconsciente cindido, o inconsciente projetado nas coisas, nos objetos, ou seja, o inconsciente de todos os mecanismos de defesas do eu, do supereu e assim vamos.

Pois bem, essa sucessão de ideias, que sempre foi me interessando, me levou a publicar em 2021 o livro *A mente do analista*, onde tento reunir vários textos, não esses de que eu falei, que já estavam publicados, mas vários textos novos que, afinal de contas, continuavam focando os vários aspectos e ângulos daquilo que nos compete no nosso ofício. Isso foi em 2021 e a diferença entre o livro de 2021 e a terceira edição ampliada de 2022 é que eu acrescentei três textos novos que foram sendo apresentados em diferentes circunstâncias, em diferentes lugares do Brasil, tratando especificamente da formação. Como é que é possível a gente constituir um trabalho de formação para que a mente do analista possa, mal ou bem, embora nunca perfeitamente – pois não existe como garantirmos, como temos a ambição de termos uma mente perfeita, em condições absolutas de captação de pensamento, de elaboração –, mas como a gente pode se aproximar dessa meta? Isso daí me levou a escrever esses textos que vão aparecer então na edição ampliada.

Qual a razão desse longo e perseverante interesse? Eu diria que ao longo da minha vida eu tive na psicanálise três interesses principais. Um é com as questões ligadas ao adoecimento, às várias modalidades de adoecimento. Então, em vários dos meus livros eu vou falar de questões da psicopatologia, questões sobre diferentes quadros psicopatológicos. Outro interesse é um interesse mais, digamos assim, epistemológico. É o de tentar entender qual é a natureza do conhecimento psicanalítico e da prática psicanalítica, que não é apenas a epistemologia de uma ciência, de um saber já estabelecido. É a epistemologia daquilo que se conhece, que se produz como conhecimento na própria prática da psicanálise, na dinâmica mesma do trabalho de escuta e análise. E o terceiro é esse de que eu estava falando: é a mente do analista em seu funcionamento. E eu viria então ao tema: qual é a razão desse longo e perseverante interesse? Eu acho, do meu ponto de vista, que a psicanálise é fundamentalmente um trabalho e um método. Eu não defino a psicanálise pelos seus saberes, pelas suas teorias que são muitas e muito interessantes e eu gosto de frequentar todas e trabalho muito a intercessão e a necessidade de nós estarmos continuamen-

te transitando por essas teorias, porque todas elas correspondem a tentativas, mais ou menos bem sucedidas, de grandes profissionais e pensadores tentarem sistematizar um pouco aquilo que conseguiram aprender no seu trabalho diário, com seus pacientes, na 'luta' com eles e no trabalho próprio do nosso ofício, na lida com os inconscientes.

Mas eu acho que, mais importante do que todas essas teorias, precisamos pensar a psicanálise como um trabalho e um método a ser exercitado dentro de um quadro especial, que é sobre o que eu trabalhei no texto de 2011, sobre a situação analisante. Ou seja, é preciso criar e deixar que funcione bem a situação analisante para que o trabalho da psicanálise se realize, para que o método possa ser exercitado bem. Para que a situação analisante se crie e funcione é fundamental o analista com uma mente disponível para este ofício. Não se trata de um analista erudito, de um analista inteligente ou apenas de um analista sensível. É claro que certa erudição, que certo conhecimento da teoria, pode ajudar; certa inteligência – mas não toda – mas certa inteligência pode ajudar. A sensibilidade é essencial, mas eu acho que o que vai nos caracterizar no nosso ofício não é erudição, não é inteligência, nem é sensibilidade: é nossa capacidade de instalar e sustentar uma situação analisante em pleno funcionamento e ter, portanto, uma compreensão profunda do que seja a psicanálise como trabalho e como método.

Isso daí é a principal razão para eu insistir tanto na mente do analista, no seu funcionamento e na formação da mente do analista, porque sem isso não há psicanálise. Quando existe isso, pode existir psicanálise de boa qualidade mesmo fora dos enquadres canônicos, os enquadres convencionais. É possível ter escuta psicanalítica, é possível ter pensamento psicanalítico em condições muito variadas. Eu vou inclusive fazer um elogio dessa situação, porque muitas vezes ela nos ajuda a entender o que é o essencial da psicanálise para além das convenções, para além das aparências, para entender em profundidade do que se trata no trabalho psicanalítico. Eu acho que a situação analisante tem que oferecer ao paciente, em primeiro lugar, hospitalidade. Ela é um convite e, em parte, até mesmo uma intimação para que alguma coisa importante das vidas possa ser ali colocada na forma de relatos, mas principalmente na forma de transferências. Eu acredito e aposto que uma situação analisante é o lugar – não que transferência só exista aí; acredito que transferências existem em todas as relações de objeto e mesmo nas relações narcísicas –, mas a mim me parece que uma situação analisante bem estabelecida e funcional é hospitaleira e um verdadeiro convite para que ali se realize,

se viva e se experimente, na relação com o analista, coisas absolutamente fundamentais da vida emocional, da vida afetiva dos sujeitos.

Considerando a verdadeira ‘intimação’ a ingressar nessa permanente dinâmica transferencial e contratransferencial, uma condição a que o analista precisa se dispor, a que precisa se entregar, eu diria – e não que seja uma grande novidade no que estou afirmando, mas eu gostaria de insistir no ponto – e para que a mente do analista funcione como é necessário, é preciso que ele abra mão de muita coisa, que ele renuncie aos seus saberes, em particular às suas fantasias de saber, porque nós de fato sabemos muito pouco. Na verdade, grande parte daquilo que nós supomos saber são apenas fantasias de saber, fantasias de onisciência e onipotência. Em contraposição, a mente do analista é, de certa maneira, obrigada a funcionar no regime, como eu já disse, sem memória, sem desejo, sem compreensão prévia. Isso quer dizer: renunciando às convicções, renunciando às certezas, renunciando a tudo que ele supõe saber, seja num plano mais genérico, seja em relação a cada um dos seus pacientes em particular. Ou seja, eu hoje cada vez mais insisto que nós não podemos ser analistas se não formos capazes de vencer a nossa propensão à arrogância e ao autoritarismo. Não é uma questão, digamos assim, meramente ‘política’, ou ética em um sentido trivial. Eu vejo que isso faz parte do nosso ofício: é fundamental não entrarmos na loucura da onisciência e da onipotência e pretendermos saber onde está o bem, o que é a ‘realidade’, qual é o caminho. É preciso renunciar tudo isso para pesquisar e a pesquisa está na essência do trabalho clínico da psicanálise.

Sempre que recebo um paciente novo, na hora de dizer o que é o nosso trabalho, eu insisto muito: nós estamos aqui para pesquisar, para pesquisar juntos e fazer uma pesquisa que produza transformações. Então não é apenas produzir um conhecimento contemplativo para saber como as coisas são, mas é ir ao fundo das coisas para conhecê-las a favor de uma transformação; trata-se de usar uma linguagem que não seja apenas para representar, mas uma linguagem de fazer, de produzir efeitos.

Eu diria que essa é uma dimensão ética e, de certa maneira, democrática da escuta psicanalítica, que é você pesquisar dando voz aos outros e aos outros, eu falo aos outros todos porque nós todos somos vários. Nenhum de nós é unificado, nós temos várias vozes a serem escutas, não apenas aquilo que Freud pensou como id, ego e superego. Cada um de nós é uma pluralidade, é um grupo, e nós temos que dar voz a todos os outros, nossos e alheios, para que a gente se encontre e reconheça e possa estabelecer melhores relações entre essas vozes e aquilo que nos pode fazer bem, que nos pode trazer benefícios.

Eu chamaria atenção, em primeiro lugar, que essa luta contra a arrogância, a onisciência, a onipotência está a serviço de uma dimensão ética de escuta. Por outro lado, isso também está a serviço de uma dimensão criativa do chamado 'pensamento clínico'. Esse conceito do André Green, me interessa muitíssimo, porque na ideia do pensamento clínico nós não estamos propriamente renunciando a saberes teóricos, mas nós estamos comprometidos com o saber que se constrói artesanalmente, que se constrói, digamos assim, *tailor-made*. É uma coisa de alfaiate, é aquele saber que se vai construindo sessão após sessão e que não se esgota do saber, porque ele se projeta no rumo da possibilidade de transformação. Transformação do futuro, mas também transformações do passado, que vai sendo revisitado e ressignificado, então nós temos a mente do analista disponível para a criação. Acho que um bom psicanalista, mesmo que ele não escreva – há pessoas que não curtem muito escrever, (eu gosto de escrever, para mim faz muito bem escrever, mas tem gente que não gosta e tudo bem) –, penso que escrevendo ou não escrevendo, nós temos que ser pesquisadores, nós temos que ser criativos, nós temos que inventar. Inventar ideias, inventar teorias, inventar dispositivos. Por quê? Porque embora a situação analisante tenha certas características que precisam ser mantidas, elas estão continuamente precisando ser ajustadas, transformadas de acordo com as necessidades e possibilidades de cada caso, e não apenas por uma questão da psicopatologia ser essa ou aquela, mas a cada momento de um processo analítico nós temos que estar, de certa maneira, ajustando as condições do nosso dispositivo, as possibilidades de conhecimento e transformação que nos são exigidas.

Quando pensamos a mente do analista com essa amplitude, complexidade e flexibilidade, ela precisa também continuamente dar conta dos novos e dos velhos sofrimentos porque o sofrimento é a nossa bússola; é isso que nós temos que ter sempre em mente. Para isso, a nossa sensibilidade precisa estar sempre aberta. Velhos e novos sofrimentos. Velhos, de certa maneira, por exemplo, para entrar em temas que atualmente são muito ventilados: a questão de gênero, a questão racial, o racismo estrutural, enfim. São velhos sofrimentos e, ao mesmo tempo, são novos sofrimentos do ponto de vista da escuta psicanalítica. Mas quando a mente do analista está realmente bem, em bom estado de funcionamento, vai ser possível nos abirmos para esses sofrimentos para nomeá-los, para entendê-los, para interpretá-los e para transformá-los na medida do possível. Então, questões raciais e questões de gênero, tudo isso cabe dentro da psicanálise, se pensarmos a mente do analista nessa amplitude e complexidade que eu estou tentando trazer para vocês.

Isso, então, nos leva finalmente à questão da formação da mente do analista. A primeira questão que eu gostaria de levantar em relação a esse tema da formação é que o termo “formação” não me agrada. Eu preciso usá-lo porque, afinal de contas, é disso que nós sempre estamos tratando nas sociedades. Mas eu não gosto do termo “formação” porque o termo se aproxima demasiado de uma coisa que eu abomino, que é a ideia da formatação. Eu acho que a mente do analista precisa ser expandida e não formatada. E por que falar em ‘expandir’? Porque eu acredito, assim como Bion, que exista em todos nós – ele fala disso muito rapidamente e não aprofunda, como, aliás, ele faz com vários conceitos, com o próprio conceito de *reverie* –, mas ele fala numa função psicanalítica da personalidade. Minha crença, que eu gostaria de propor isso a vocês, é que todos os humanos são capazes de uma função psicanalítica da personalidade, que é a capacidade humana de simbolizar, sublimar, transformar e mudar de posição subjetiva. Todos nós podemos fazer isso. A função psicanalítica da personalidade está em todos. Alguns vão transformá-la no seu ofício, como é o meu caso e eu acredito que seja também o de vocês. Outros vão usá-la, nossos pacientes, por exemplo, para benefício próprio, mas eles só vão poder se beneficiar da psicanálise se a psicanálise puder de alguma maneira ajudá-los a expandir a sua capacidade em relação à função psicanalítica da personalidade: simbolização, sublimação, mudança de posição subjetiva. Tudo isso daí pertence ao humano.

Então, na verdade, eu diria que, ao invés de falarmos em formação de analistas, eu falaria que algumas pessoas se dispõem a cultivar a função psicanalítica da sua personalidade e este exercício inclui a ideia de expansão. É uma capacidade a ser cultivada para crescer e crescer infinitamente, crescer interminavelmente. De certa maneira, a ideia da formação continuada é isso, não é? A nossa capacidade mental de simbolizar, de transformar afetos, emoções, experiências emocionais etc., precisa ser continuamente expandida, fortalecida, enriquecida.

Pois bem, falando em cultivo e expansão, e não em formação, vem a questão: como é que se consegue uma coisa como essa? A gente sabe que, historicamente, se criaram aquelas três formas, o famoso tripé da formação, que é lógico que eu poderia usar também para pensar o cultivo: a prática, a supervisão e os estudos, além, evidentemente, do mais básico, a análise pessoal. Eu diria que na formação ou no cultivo da função psicanalítica da personalidade, do meu ponto de vista, a coisa mais importante é a prática. É claro, supervisionada, mas a prática supervisionada é onde efetivamente a gente vai desenvolvendo, vai amadurecendo, vai expandindo a nossa capacidade de escuta e de pensamento,

que é o fundamental. Acho que isso daí é o mais importante, seguido de uma ideia que não é minha, é antiga, foi muito bem explicitamente colocada pelo Ferenczi, que é a de que os estudos vêm depois. Isso quer dizer que eles não interessam? Não, eu acho claro que eles interessam. É bom nós termos repertório, principalmente pensando que esse repertório é aquilo que foi sedimentado em infinitas experiências de grandes psicanalistas, de grandes pensadores que foram criando suas teorias. Seria uma estupidez nós descartarmos isso, não nos apropriarmos desse saber que vai se acumulando, mas, por favor, não se apeguem a isso. Não acreditem que é estudando que alguém se torna um psicanalista. Não é através do estudo que se forma a mente do analista. O estudo nos ajuda, mas também pode nos atrapalhar. O estudo nos ajuda se ele puder se integrar à prática supervisionada. Porque ele, puro e simplesmente como estudo, pode virar uma grande resistência ao encontro, pode virar um dogma que pode gerar um muro intransponível entre mim e os outros com os quais eu preciso encontrar para poder sofrer com eles, para poder ser afetado e afetá-los. Então, no meu ponto de vista, desse tripé, sem dúvida nenhuma, o estudo – que infelizmente é por onde muitas vezes a gente começa (muita gente começa estudando e depois tem que fazer um enorme esforço para quase se esquecer de boa parte do que a gente estudou para poder fazer o encontro com os nossos pacientes), o estudo, repito, é o elemento menos importante e mais duvidoso nesse processo de cultivo da função psicanalítica da personalidade.

Em texto recente que apresentei semana passada no simpósio sobre Bion aqui em São Paulo, falava: uma das coisas importantes do trabalho de aprender é o trabalho de esquecer. Para a gente poder aprender, a gente precisa esquecer muita coisa e a gente precisa esquecer muita teoria que a gente estudou, e estudou às vezes com dificuldade, com afincos e empenho, mas é preciso aprender a esquecer para poder aprender na experiência, aprender a partir da experiência. “*Learning from experience*”, como dizia Bion (1984).

E quando falo em práticas e práticas supervisionadas é que eu vou fazer um elogio das práticas não convencionais. É claro que o cultivo da função psicanalítica se torna mais fácil em certas condições controladas e mais adequadas e por isso é tão importante que ele se dê numa situação analisante a mais convencional. É preciso que o sujeito aprenda, em primeiro lugar como paciente e, em segundo lugar, como analista, praticando o que vem a ser uma situação analisante padrão, para poder de fato acreditar nesse poder extraordinário que uma situação analisante tem para produzir conhecimento e transformação. Mas, a partir daí, acho que é da maior serventia que as práticas não convencio-

nais aconteçam para que exatamente se refine a capacidade de escuta e de pensamento do analista. Então, por exemplo, eu acho que um trabalho como esse que nós fazemos no Projeto Travessia é muito importante no cultivo da função psicanalítica da personalidade, porque é um trabalho feito à luz do dia, fora de qualquer muro, sem consultório, sem divã, em comunidades carentes nas mais variadas situações, às vezes extremamente adversas, mas onde é possível ir exatamente fazendo o refinamento da capacidade de escuta, de observação e de pensamento clínico que precisa acontecer na mente do analista.

Um outro dispositivo que eu acho também da maior importância, com que eu me identifico muito, e gosto muito de fazer, são os seminários clínicos. Nos seminários clínicos, e acho que em todas as sociedades hoje há momentos importantes na ‘formação’ com seminários clínicos, é que nós encontramos exatamente uma boa articulação (nunca perfeita) – nunca perfeita! –, mas dinamizadora e fecunda entre ideias e práticas, entre teorias e aquilo que a prática exige, propicia, traz como desafio e como exigência. Eu gosto muito dos seminários clínicos, me dedico muito a essa função, porque acho que é um lugar exemplar, um verdadeiro laboratório do pensamento clínico. A mente do analista aparece e ela funciona a céu aberto nos seminários clínicos quando várias pessoas se juntam para discutir um material clínico, cada uma a partir dos seus referenciais teóricos às vezes muito diferentes, mas que vão sendo refinados e vão sendo adaptados àquela situação específica.

E mais um elemento, mais uma via no cultivo da função psicanalítica da personalidade, são as experiências culturais. Acho que também todas as sociedades hoje dão valor e abrem espaço para experiências culturais com objetos estéticos da literatura, do cinema, do teatro, da música e das artes plásticas. Eu, por exemplo, este ano estou dando na PUC um curso sobre agressividade e destrutividade na clínica psicanalítica e na cultura. Está sendo um curso muito interessante, eu sempre aprendo muito e adoro dar aula, porque é o momento em que eu mais aprendo. Pois bem, além de nós termos na nossa mente alguns filmes que nós vamos analisar, eu sugeri aos meus alunos que todos lêssemos, de saída, um romance fabuloso chamado *Derrubar árvores*, que é de um romancista austríaco (nascido na Holanda) Thomas Bernhard (2022), que foi publicado pela Todavia; é um texto maravilhoso, brilhante cáustico sobre a vida cultural vienense logo no pós-guerra – décadas de 1950, 1960 e 1970 – em que a gente vai vendo as tramas, os enfrentamentos, as elaborações de uma sociedade culta, uma sociedade de elite cultural vienense, austríaca. Isso daí nos acompanha em todas as aulas – nós estamos sempre nos referindo ao romance; ou

seja, a nossa ‘experiência clínica’, (no caso, por enquanto, depois vão ser outras também – já trabalhamos nesse curso, por exemplo, com *Gritos e Sussurros* de Ingmar Bergman), ocorre na companhia de Bernhard, à medida que nós vamos fazendo a leitura do romance e usando as referências comuns às situações, aos personagens, aos enredos da obra. Isso, no meu ponto de vista, faz parte do cultivo da nossa capacidade analítica, da expansão da função psicanalítica do analista. Ou seja, eu diria que é esse conjunto de coisas que vocês vão poder encontrar da primeira à terceira edição do meu livro sobre a mente do analista. No primeiro, por exemplo, o último capítulo da primeira edição é um trabalho que eu faço sobre aquele romance do J. D. Salinger (1951/2019), *O apanhador no campo de centeio*. É um romance muito bem escrito, muito interessante. Foi marcante numa certa época para minha geração e que foi extremamente importante quando eu era jovem, adolescente. Esse romance é motivo para uma consideração sobre a mente do analista e um campo, no caso é um campo de centeio, mas um campo de trabalho de pensamento clínico sobre aquilo que, afinal de contas, se exige de uma mente do analista.

Finalmente, uma pequena anedota. Hoje de manhã, minha primeira paciente está viajando, então eu estava acabando de preparar essas notas para conversar com vocês. Sentado lá na minha escrivaninha, no consultório, que fica na frente de uma janela e ‘dentro dessa janela tem árvores, árvores grandes, frutíferas e tudo mais. Numa certa hora, eu parei de escrever e fiquei olhando pela janela e vi que tinha algum movimento diferente. Prestei um pouco de atenção e lá estava um velho conhecido meu que é um pica-pau amarelo. Um pica-pau amarelo estava lá subindo pelo tronco da árvore, bicando, fazendo aquelas coisas que pica-pau faz e era um pica-pau amarelo mesmo como o do Monteiro Lobato. Aparece muito aqui, eu moro perto do meu consultório, então esse pica-pau amarelo costuma ficar picando pau na frente do meu prédio. E aí eu pensei: é interessante, porque a mente do analista, precisa ter por um lado uma enorme capacidade de se concentrar pacientemente, ter muita capacidade de espera e ficar em cima observando. E, de repente, ela também precisa ser capaz de se distrair. Pois bem, eu me distraí e foi na minha distração que eu passei uns cinco minutos observando o pica-pau amarelo diante da minha janela. Isso daí é uma pequena anedota, mas me lembrou exatamente dessa necessidade de nós transitarmos permanentemente de concentração para distração. Uma concentração paciente e uma distração, às vezes, completamente vaga, realmente sem rumo, sem orientação nenhuma, mas é nesse momento que alguma coisa interessante pode nos acontecer. Eu, na década de 1970, fiz muito trabalho

de observação paciente, quando fazia minha pós-graduação na USP, fiz muito trabalho de observação animal, que é uma maravilha. Eu não sei se alguém já teve essa oportunidade, mas eu já observei muitos lebetes, aquele peixinho. Já observei formiga, já observei aranha. É muito interessante porque você fica lá horas a fio olhando e não entendendo nada e de repente começam a se formar figuras. De repente você começa a entender, de repente você começa a acompanhar certos movimentos que vão se tornando quase óbvios. Como é que eu não vi isso antes? Mas você precisa, em primeiro lugar, pacientemente se concentrar. Deixar-se distrair pelo movimento das formigas lá no formigueiro, para que de repente alguma coisa se configure e você possa nomear e você possa, a partir daí, acompanhar a evolução daquele movimento. A mente do analista precisa ser capaz desses movimentos todos. Tudo isso exige bastante, às vezes casa, mas é também extremamente divertido.

Muito obrigado.

## Referências

- Bernhard, T. (2022). *Derrubar árvores: uma irritação* (S. Tellaroli, trad.). São Paulo: todavia.
- Bion, W. R. (1984). *Learning from experience*. Londres: Karnac Books
- Freud, S. (2018). Construções na análise. In S. Freud, *Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*(Obras completas, vol. 19, P. C. Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1937.)
- Figueiredo, L. C. (1994). *Escutar, recordar, dizer: encontros Heideggerianos com a clínica psicanalítica*. São Paulo: Escuta.
- Figueiredo, L. C. (1996). Pensar, escutar e ver na clínica psicanalítica: uma releitura de “Construções em análise”. *Percurso*, 16(1): 81-89.
- Figueiredo, L. C. (1997). O interesse de Lévinas para a psicanálise: desinteresse do rosto. *Cadernos de Subjetividade*, 5(1): 39-52.
- Figueiredo, L. C. (2011). A situação analisante e a variedade da clínica contemporânea. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45: 99-111.
- Figueiredo, L. C. (2012). A clínica psicanalítica e seus vértices: continência, confronto, ausência. *Reverie*, V: 33-54.
- Figueiredo, L. C. (2014). Escutas em análise/Escutas poéticas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48: 123-137.
- Figueiredo, L. C. (2021). *A mente do analista*. São Paulo: Escuta.
- Figueiredo, L. C. (2022). *A mente do analista* (3ª ed.). São Paulo: Escuta.

- Figueiredo, L. C. & Coelho Júnior, N. E. (2000). *Ética e técnica em psicanálise*. São Paulo: Escuta.
- Salinger, J. D. (2019). *O apanhador no campo de centeio* (C. W. Galindo, trad.). São Paulo: todavia.  
(Original publicado em 1951.)

Recebido: 27/10/2022

Aceito: 02/11/2022

---

**Luís Cláudio Figueiredo**  
claudio.tablet@gmail.com